

# OS FRUTOS SAZONAIS DO FEMININO: ADÉLIA, ADÍLIA E PAULA TAVARES

Maria Lúcia Dal FARRA<sup>1</sup>

- **RESUMO:** O artigo procura compreender, na obra de três poetisas contemporâneas em língua portuguesa – na brasileira Adélia Prado, na portuguesa Adília Lopes e na angolana Paula Tavares – o tratamento conferido às frutas, signos que marcam freqüência no transcorrer de suas poéticas. Numa aproximação metodológica comparativista, será possível perseguir a maneira como as frutas ficam associadas à simbólica feminina, associadas ou não à pecha cultural relativa ao pecado primordial.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura feminina. Poesia brasileira, portuguesa e africana. Intertextualidade.

Começo pela citação de uma epígrafe colhida ao Brasil do século XVIII, que me permite sugerir a atmosfera que impulsiona este trabalho. Posto que a fruta e sua semântica se associam à infração edênica e, portanto, ao pecado original, adverte-se, aqui, acerca da ingestão dela. De maneira que a simbólica da transgressão primordial, introjetada na fruta, migra do espírito para a carne, contaminando-a, materializando sua pecha no próprio corpo daquele que a degusta.

Leio o conselho que, em 1728, Nuno Marques Pereira (apud CASCUDO, 1983, p.674), em *Peregrino da América* nos oferece a respeito: “Comei fruta por fruta, como se costuma dizer, e não a fartar. Porque parece que, assim como nela veio, a nossos primeiros Pais, o pecado, e a nós, a culpa original, também nos vêm [dela] várias enfermidades do corpo.”

E tomo, a propósito de tal juízo, a obra de três poetisas contemporâneas: a brasileira Adélia Prado, a portuguesa Adília Lopes e a angolana Paula Tavares.

A poética de Adélia Prado tem sido apreciada por meio da polaridade erotismo e sagrado, que parece permeá-la. Também pulsante do aceno da sensualidade, a de Paula Tavares transpira vivamente o comércio com o mundo feminino, que

---

<sup>1</sup> UFS – Universidade Federal de Sergipe. Departamento de Letras do Centro de Educação e Ciências Humanas. São Cristóvão – SE – Brasil. 49100-000 – posgrap@ufs.br  
Artigo recebido em 21.02.08 e aprovado em 12.05.08.

comparece como um dos seus traços mais incisivos. Mas o sagrado que, em Adélia, se reconhece como mundo religioso de cariz católico-cristã, se reveste, em Paula, dos atributos míticos das culturas agrárias primitivas, marcadas pelas cerimônias e ritos pagãos, pela obediência aos provérbios, aos preceitos e às leis ancestrais. Malgrado a distância cultural, religiosa e geográfica entre o interior de Minas e seus quintais, e o sul de Angola e seus terreiros, à mulher parece, todavia, estar reservado um mesmo e semelhante rosto social.

De tal cara também não escapa a lisboeta de *Sete rios entre campos*, com seus gatos e baratas e peixes e cadelas e lesmas e piolhos e osgas e serpentes e pirilampos. Muito embora disfarçado por uma sensualidade debochada a que uma ironia contumaz e uma perversidade coada em extrema singeleza infantil dão relevo, o corpo poético de Adília Lopes não ignora semelhantes inflexões. Sendo que para Adília Lopes (2000, p.408) o poema é “um mal/entendido” e ela mesma uma desidentidade (posto que habitada por inúmeras, por todo um clube de poetisas tanto mortas quanto vivas), a mulher acaba por comparecer na sua obra com um quê de incompletude, como alguém em moroso desenrolar, como um alongado “nunca mais acabar de ser”, já que o axioma pseudo-cartesiano “desejo, logo sou” independe da sua vontade<sup>2</sup>. Linha do mesmo novelo, é preciso sempre, à mulher, “pensar/em tudo/dos preservativos/às panelas”<sup>3</sup>, o que a cunha como um ser em processo, em interminável vir-a-ser. Na “contorcionista” Adília Lopes (2000, p.170), a mulher é um bocado de coisas simultâneas, inclusive as utopias de Fourier<sup>4</sup>.

Em outro mui diverso diapasão literário, é semelhante a esta a ótica de Adélia Prado acerca da condição feminina. No seu poema inaugural “Com licença poética”, com que estréia nas letras brasileiras em 1976, Adélia pede passagem para se adentrar no Panteão literário (que é masculino), invocando em troca a sua compleição de mulher, essa “espécie ainda envergonhada”, cujo atributo fundamental é ser “desdobrável”<sup>5</sup>.

Entretanto, é no poema em que Adélia vasculha o retrato da mãe, para apreender o que se esconde por baixo do que a máquina inocentemente registra, que a palavra “desdobrável” se revela ainda mais nítida: aquela mulher está ali fracionada, e o olhar da poetisa desvenda o que se acha dobrado e recoberto pela pátina do tempo. Leio “Fotografia”:

---

<sup>2</sup> Cf. LOPES, 2000, p.403.

<sup>3</sup> Cf. LOPES, 2000, p.416

<sup>4</sup> “Sou mulher/sou colher/sou boca/sou nova/sou velha/sou mãe/sou irmã/sou cristã/sou tua/sou minha/ai alminhas/ai maminhas/Santa Teresinha/do Menino Jesus/doutora da Igreja/Santa Teresa/de Jesus/doutora da Igreja/utopias de Charles Fourier/harmonias de Joseph Fourier”(LOPES, 2000, p.393).

<sup>5</sup> Cf. PRADO, 1979, p.19.

Quando minha mãe posou  
para este que foi seu único retrato,  
mal consentiu em ter as têmporas curvas.  
Contudo, há um desejo de beleza no seu rosto  
que uma doutrina dura fez contido.  
A boca é conspícua,  
mas as orelhas se mostram.  
O vestido é preto e fechado.  
O temor de Deus circunda seu semblante,  
como cadeia. Luminosa. Mas cadeia.  
Seria um retrato triste  
se não visse em seus olhos um jardim.  
Não daqui. Mas jardim (PRADO, 1978, p.106)<sup>6</sup>

Daí que esta foto revele, por baixo do rosto colhido de maneira aparentemente serena, o que há na condiçoão feminina de fragmentário, contido, recluso, encarcerado. Neste retrato, a mulher é surpreendida como um ente fora-de-lugar, despaisado. Seu reino não é daqui: ela não existe para estar onde se encontra, mas para habitar para além ou para além do lugar onde se acha. Desencontro: eis a palavra que cunha um dos aspectos do feminino em Adélia.

Na obra de Paula Tavares, tais sugestões se confirmam, acrescidas: além de a condiçoão feminina se inscrever como lacunar, como espaço vazio, feito de deslocamentos, silêncios, mudez, desencontro, entrelugar, aliada ao fragmentário e à multiplicidade, a mulher também é percebida como um adendo masculino, como uma “prótese” – forma de reatualizar uma ancestral imperfeiçoão bíblica: a da fêmea enquanto anexo do homem. O poema “Cerimõnias de passagem” assim o confirma:

Desossaste-me  
cuidadosamente  
inscrevendo-me  
no teu universo  
como uma ferida  
uma prótese perfeita  
maldita necessária (TAVARES, 1985. p.30)

A narrativa bíblica do *Gênesis*, que subjaz ao poema de Paula, é colhida por Adília de um outro lado. Nesta, é a violentaçoão da pessoa, a vitimada manipulaçoão alheia que explica a histórica condiçoão de submissão da mulher. No seu poema de

---

<sup>6</sup> 2a. ediçoão. A primeira ediçoão data de 1977.

indicial título “Começo 1”, Adília narra que Chamilly, retornando a Beja encontra Marianna dormindo. Aproveita e retira-lhe a costela e o crânio. De uma faz uma flauta; de outro faz uma cabaça...<sup>7</sup>

Outro traço que aproxima a poética destas três escritoras no trato do feminino é o manuseio metafórico dos frutos enquanto indicativo de seus atributos específicos, da sua sensualidade e do sexo – e assim nos pomos em definitivo ao abrigo da epígrafe deste trabalho. E logo Adília, levando às últimas consequências a contigüidade entre essa espécie de ritual de mutilação com que toma o feminino e os frutos a que me referi, fornece-nos, de começo, uma insuspeitada ligadura entre pêssegos e seios. Ao modo de um cerimonial de amor, que lembra, pelo avesso, a oferta que se faz de São João Batista a Salomé,

Nesta bandeja  
de inox  
como pêches Melba  
te trago meu senhor  
os meus dois peitos  
virgens  
acabados de amputar (LOPES, 2000, p.252-253).

Ainda na provocadora Adília, e já de uma outra perspectiva, a aproximação entre fruto e feminino se faz por meio da mediação do livro, produto que, aliás, reúne as três visadas escritoras<sup>8</sup>.

Em Paula Tavares, a sensação de oco, de vazio, de espaço disponível pronto a acolher o outro – o que tende a frisar a carência de identidade feminina – localiza nos vegetais o indicativo da qualidade inata à mulher, da sua marca de gênero: o útero.

Assim, a “anona”, que possui seus mil e tantos caroços – não passa de um “pequeno útero verde” (TAVARES, 1985, p.11)<sup>9</sup>. A “abóbora menina”, “gentil”, “vacuda” e “gordinha”, se apresenta como o continente, o “ventre redondo” onde, afinal, “deságuam todos os rapazes<sup>10</sup>. A “nocha”, cuja forma lembra os “pêches” de Adília, e cujo caroço, entretanto, é degustável, “esconde muito tímida,/o cerne encantado”<sup>11</sup>. O “maboque” ou “massala”, cuja forma remete aos seios femininos, se

<sup>7</sup> Cf. LOPES, 2000, p.452.

<sup>8</sup> “Lutero escreveu:/planta uma árvore/dá à luz um filho/escreve um livro/só assim serás/uma mulher” (LOPES, 2000, p.361).

<sup>9</sup> Todos os poemas citados de Paula Tavares a partir de agora encontram-se na primeira parte de *Ritos de passagem*, intitulada “Do cheiro macio ao tacto”, e têm como título a fruta em pauta.

<sup>10</sup> Cf. TAVARES, 1985, p.9.

<sup>11</sup> Cf. TAVARES, 1985, p.13.

dá a conhecer como uma fruta capaz de “resolver/ problemas difíceis/ da/ libido”<sup>12</sup>. Também o “mamão” não escapa a esse selo de gênero: ele se entrega ao olhar de Paula Tavares como a “vagina semanal”, “frágil”, como o lugar onde “se alargam as sedes”, onde cresce o vazio “insondável”<sup>13</sup>.

A constituição lírica do mamão de Paula não destoa da que Adélia Prado imprime ao mesmo fruto. Em “Louvação para uma cor”, o mamão ali se encontra para fazer brotar uma metáfora semelhante, só que, de modo contrário, a fruta aqui se oferece para ser fecundada, furada, para multiplicar a euforia da posse através das suas sementes negras que, como em aguaceiro, podem se espalhar pelo mundo gerando beleza pura<sup>14</sup>. E, já agora, adentramo-nos no limiar dos domínios do fruto proibido, do fruto do Éden.

E a “manga” comparece, em Paula Tavares, como a “fruta do paraíso”. O ato de comê-la remete aos passos do ritual amoroso que tem início pelo desnudamento:

as mãos  
tiram-lhe a pele  
dúctil  
como se de mantos se tratasse (TAVARES, 1985, p.17).

a fim de poderem alcançar o seu “morno” coração. De resto, é o vincado cheiro da manga que, numa urgência de cio, guia os meninos ao encontro da fruta: eles a localizam “pelo faro”.

Já, para Adília, o fruto proibido, posto que “Não há mais/mundos/este chega/ e sobeja”, é a cereja, visto que

O Eden fechou  
para mudança  
de ramo (LOPES, 2000, p.313).

E o modo de dizer varia. Maçã, cereja, o fruto edênico pode se encontrar também na groselha, ou até mesmo no morango. Enfim, parece que o vermelho une,

---

<sup>12</sup> Cf. TAVARES, 1985, p.10.

<sup>13</sup> Cf. TAVARES, 1985, p.15.

<sup>14</sup> “ O amarelo faz decorrer de si os mamões e sua polpa, /o amarelo furável./Ao meio-dia as abelhas, o doce ferrão/e o mel./Os ovos todos e seu núcleo, o óvulo./Este dentro, o minúsculo./Da negritude das vísceras cegas/amarelo e quente, o minúsculo ponto,/o grão luminoso. /Distende e amacia em bâtegas/a pura luz de seu nome./a cor tropicordiosa./Acende o cio,/é uma flauta encantada,/um oboé em Bach./O amarelo engendra” (PRADO, 1979, p.39).

para Adília, todas essas frutas na mesma metáfora de sangue menstrual e defloração e, por decorrência, na sua versão paradisíaca.

Em *Um jogo bastante perigoso*, obra de estréia de Adília em 1985<sup>15</sup>, ela pede, à maneira de uma charada, que adivinhemos o que carrega aquela senhora no seu aventalinho “que vai tão dobradinho”: não é peixe, nem sapo, nem rosas, nem coração, nem punhal, nem lencinho, nem cartinha, nem dedalzinho. São, afinal, groselhas, dignas, isso sim, de uma grande exclamação, quando a senhora abre, no encerramento do poema, o seu avental. E n’*A continuação do fim do mundo*, de dez anos depois, a Maria Andrade de Adília descobre, no beijo de Túlio, o morango que morde<sup>16</sup>.

No entanto, para a brasileira Adélia Prado, a fruta paradisíaca parece ser predominantemente a “maçã”, sobretudo quando esta se acha... no escuro – tal qual aquela de Clarice Lispector. No poema de igual título, a maçã identifica o instinto, o sexo com fome, aquilo que vive e lateja da cintura para baixo, a parte que, no corpo, não pensa, e que reage com “vagas de doce quentura”, mas sempre na iminência de converter-se rápido em “vulcão”. Ao contrário do poema de Paula, que descasca e desveste a manga, o de Adélia recobre, primeiro, e com muitos mantos e cascas, a mulher, contendo-a dentro de uma outra coisa que, por sua vez, é encerrada em outra, num processo de boneca-russa. Menção ao mistério feminino da procriação?<sup>17</sup>

Em todo o caso, assim como a “goiaba” que a menina de Adélia apanha e, inconsciente, ensina com sabedoria aos outros o seu significado, as frutas, para ela, são sempre “abençoadas”, ao contrário da preceptiva que rege a nossa epígrafe<sup>18</sup>. Este é também o caso do “pequi” maduro, que imita o coração de Jesus dentro do peito de Adélia<sup>19</sup>.

Já para a portuguesa Adília, o lado funesto dos frutos, o que esconde a víbora e o pecado, o que disfarça o veneno, tem relevo sobretudo no seu livro de 1988, *O decote da dama de espadas*. Nas “Memórias das infâncias”, o doce de framboesa é um engodo porque oculta o remédio amargo, de gosto desagradável, o que, afinal, contamina o fruto<sup>20</sup>. Tal avaliação negativa se espalha pelo cerne e sabor de quaisquer frutos, o que leva a confundir, na mesma obra, a sua imagem com a ferida<sup>21</sup>.

<sup>15</sup> LOPES, 2000, p.13-47.

<sup>16</sup> LOPES, 2000, p.235.

<sup>17</sup> “A maçã no escuro”. (PRADO, 1978, p.60).

<sup>18</sup> “A menina e a fruta” (PRADO, 1981, p.35).

<sup>19</sup> “Laetitia cordis”. (PRADO, 1988, p.19).

<sup>20</sup> Cf. LOPES, 2000, p.170.

<sup>21</sup> Cf. LOPES, 2000, p.118.

Há também uma certa maçã escondida na infância pela mãe que, tentando proteger a filha, salta o trecho da história evitando expor à menina qualquer laivo de maldade. Todavia, a surrupiada “maçã envenenada da Branca de Neve”, em vez de defender a criança dos futuros sentimentos maus, ocasiona efeito contrário, açulando nela um sadismo desenfreado (LOPES, 2000, p.114-115).

Aliás, em Adília, a maçã e sua contiguidade semântica óbvia, a serpente, estão manifestas no fruto do ventre de Eva Loppes que, por vingança divina, dá à luz víboras e maçãs, e “gosta de todas as suas crias, sem nunca abortar” (LOPES, 2000, p.431).

O fato é que, na sua gama de sabores imprevistos e capitosos, o fruto pode oferecer tanto o lirismo do seu sumo alegre quanto o gosto acre da desolação e do luto.

O sumo da laranja, por exemplo, sua geléia, estão ligados, em Adília, à questão da identidade<sup>22</sup>. Já para Adélia, o sabor das laranjas coroa a lembrança dos domingos prazenteiros e cria a memória daquilo que fica reservado como uma guloseima “para comer depois”, como explica o próprio título do poema<sup>23</sup>.

Da mesma forma, as laranjas guardam, para Paula Tavares, a memória de eras inesquecíveis de delícias, a serem jamais olvidadas: a época da chegada do amado e da partilha da vida<sup>24</sup>. Talvez por isso mesmo, a impossibilidade de retorno do amado transforme a fruta provada, antes doce, em presente amargura. Na sua poética mais recente, o amado, que não pode mais voltar para casa com

os óleos puros do começo  
e as laranjas<sup>25</sup>,

impede a doçura dos frutos. O seu desaparecimento e, com ele, os sinais do preceito e das laranjas, converte o fruto doce em azedo, fundando uma Angola em que as falas se tornam “amargas/ como os frutos”. Este é, aliás, o título de todo um conjunto de poemas de Paula Tavares, datados de 2001.

---

<sup>22</sup> “Anonimato e autobiografia” (LOPES, 2000, p.168).

<sup>23</sup> “Para comer depois” (PRADO, 1979, p.51)

<sup>24</sup> O meu amado chega e enquanto despe as sandálias de couro/marca com o seu perfume as fronteiras do meu quarto./Solta a mão e cria barcos sem rumo no meu corpo./Planta árvores de seiva e folhas./Dorme sobre o cansaço/embalado pelo momento breve da esperança./Traz-me laranjas. Divide comigo os intervalos da vida.

Depois parte. (TAVARES, 1999).

Os poemas deste livro são citados a partir da edição da *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985-2000)*, seleção e prefácio de Francisco Soares (Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2001). Neste caso, trata-se da p. 28.

<sup>25</sup> “A curva do rio” (TAVARES, 2001, p.27).

Se as frutas realizam “a missão irresistível e permanente da conquista sávida”, elas são, antes de tudo, “a manifestação reveladora de uma flora estranha, perfumosa, cativante”, como nos ensina Câmara Cascudo na sua *História da alimentação no Brasil*<sup>26</sup>. Assim, se interessa da abóbora à Paula Tavares propriamente o fruto, com o seu diferencial de marca de gênero feminino, à Adélia Prado concerne, da abóbora, mais a sua flor que, não sendo “um lírio ignóbil”, oferece-se como objeto poético por meio da mesma constituição lírica que a angolana destina ao fruto.

Ou seja, a flor de Adélia contém a “massa de pólen”, o mel, o “óvulo”, e ela acena para todos os “zangões” e “machos tolos” e até para o “nariz proletário” da poetisa: para que venham fecundar-lhe a “fina parede que mal segura a vida/tanto ela quer viver”<sup>27</sup>.

Claro está que, inversamente ao lirismo da brasileira e da angolana, a flor de Adília não pode ser outra senão a carnívora, aliás, sua aliada, visto que surrupia em seu favor o proibido. É assim que,

Na estufa  
a planta carnívora  
abocanha as chaves  
da minha mãe (LOPES, 2000, p.345).

Não tenho tempo, aqui, para atravessar com cautela a suposição de uma linhagem literária de mulheres interessadas nessa metáfora da fruta. Anoto apenas que ela parece aflorar a partir do Barroco Português, e na pena de Sórora Maria do Céu (1658-1753), e isto porque há, em *Enganos do Bosque*, que data de 1736, uma seção dedicada às “Significações das frutas moralizadas em estilo simples”.

De maneira que para encerrar provisoriamente estas deambulações acerca da obra destas três poetisas, pergunto apenas:

— afinal, a “fruta” pertence ou não ao ramo feminino da árvore da cultura?

DAL FARRA, Maria Lúcia. The Seasonal Fruits of the Feminine: Adélia, Adília e Paula Tavares. **Revista de Letras**, São Paulo, v.48, n.1, p.27-36, 2008.

- **ABSTRACTS:** *This article aims at understanding the treatment given to fruits, a recurrent sign in the poetics of three women poets, the Brazilian poet Adélia Prado, the Portuguese*

<sup>26</sup> Cf. CASCUDO, 1983, p.676.

<sup>27</sup> “Subjeto” (PRADO, 1978, p.28).

*Adília Lopes and the Angolan Paula Tavares. Through a comparatist methodological approach, it will be possible to trace how fruits are associated to feminine symbolism, related or not to the cultural blemish of the original sin.*

- **KEYWORDS:** *Feminine Literature. Brazilian Portuguese and African Poetry. Intertextuality.*

## Referências

CASCUDO, L. da C. **História da alimentação no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1983. 2.v. p.676.

LOPES, A. **Obra**. Lisboa: Mariposa Azual, 2000.

PRADO, A. **A faca no peito**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. **Terra de Santa Cruz**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

\_\_\_\_\_. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

\_\_\_\_\_. **O coração disparado**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

TAVARES. P. **Dizes-me coisas amargas como os frutos**. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

\_\_\_\_\_. **O lago da lua**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ritos de passagem**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.

## Bibliografia Consultada

ABDALA JUNIOR, B. **De vãos e ilhas: literatura e comunitarismos**. Cotia : Ateliê Editorial, 2003.

BEZERRA, K. da C. Paula Tavares: uma voz em tensão na poesia angolana dos anos oitenta. **Estudos Portugueses e Africanos**, Campinas, n.33/34, p.49-58, 1999.

CRISPIM, M. de L. Ritos de Passagem: um volume de poemas ou um poema só? **União dos Escritores Angolanos**. Disponível em: <<http://www.uea-angola.org/artigo.cfm?ID=287>>. Acesso em: 10 fev. 2008.

DIOGO, A. A. L. Posfácio. In: LOPES, A. **Obra**. Lisboa: Mariposa Azul, 2000. p.473-494.

ELGELMAYER, E. Posfácio. In: LOPES, A. **Obra**. Lisboa: Mariposa Azul, 2000. p.467-472.

LANCASTER, L. Dois poemas de Paula Tavares. Disponível em: <<http://members.tripod.com/LangKaster/paula.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2008.

PADILHA, L. C. Paula Tavares e a sementeira das Palavras. In: SEPÚLVEDA, M. do C.; SALGADO, M. T. (Org.). **África e Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000. p.287-302.

SECCO, C. L. T. Ruminções do tempo e da memória na poesia de Paula Tavares. Disponível em: <<http://www.uca-angola.org/artigo.cfm?ID=120>>. Acesso em: 10 fev. 2008.

\_\_\_\_\_. **A magia das letras africanas: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola e Moçambique e alguns outros diálogos**. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora: Barroso Produções Editoriais, 2003.

SILVESTRE, O. M. As lenga-lengas da menina Adília. In: LOPES, Adília. **Floribela Espanca espanca**. Lisboa: Graficar, Carvalhos, dezembro de 1999. p.37-77.

SÚSSEKIND, F. Com outra letra que não a minha. LOPES, A. **Antologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2002. p.203-224.